

CARTA MENSAL

MIRABAUD WEALTH MANAGEMENT



Christian Mannoni
Investment Advisor
Internacional

INTERNACIONAL

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Aldous Huxley publicou Admirável Mundo Novo em 1932, no auge da Grande Depressão, num momento em que o velho mundo havia desmoronado e os contornos do novo ainda não eram perceptíveis. O título foi inspirado pela peça A Tempestade, de Shakespeare, na qual Miranda, criada em uma ilha isolada, vê pela primeira vez outros seres humanos e exclama, maravilhada e entusiasmada com a nova realidade: "Ó admirável mundo novo, que tem tais pessoas nele."

Huxley aproveitou a frase e inverteu seu significado. Seu admirável mundo novo não era uma libertação. Era a substituição de um conjunto de correntes por outro, mais suave, mais sedutor e, portanto, mais completo. Os cidadãos de seu novo mundo viviam confortavelmente, quimicamente estabilizados por uma droga chamada Soma, e totalmente dependentes de um sistema sem o qual já não conseguiam imaginar viver. As correntes eram invisíveis justamente porque os traziam uma falsa sensação de liberdade.

Na nossa opinião, é possível traçar um paralelo interessante com a situação atual dos mercados financeiros.

Por quase quatro décadas, o antigo "Soma" consistiu em medidas de política monetária: o Fed put, taxas baixas, flexibilização quantitativa e a crença de que os bancos centrais ou governos acabariam por intervir para proteger os mercados de danos graves. Essa crença está agora se enfraquecendo. Mas os mercados não estão necessariamente ficando mais sóbrios. Talvez estejam simplesmente substituindo uma droga por outra: a fé cega nas receitas da inteligência artificial e o medo de perder o que o mercado já decidiu ser a oportunidade de investimento de uma geração, um medo tão potente que acalma qualquer instinto de cuidado e diligência antes que ele possa ser colocado em prática.

Junho de 2026 trouxe três eventos que tornam essa transição visível: a morte de Alan Greenspan, a chegada de Kevin Warsh ao Federal Reserve e a oferta pública inicial (IPO) recorde da SpaceX. Em conjunto, eles sugerem que podemos estar passando de um mercado sedado pelo apoio

das políticas para um sedado pela convicção tecnológica.

O Antigo Soma: *The Fed Put*

No romance de Huxley, os Controladores Mundiais governam o Estado Mundial com autoridade absoluta e benevolente. Eles são brilhantes e optaram pela estabilidade em detrimento da realidade. Alan Greenspan passou a ocupar um lugar semelhante nos mercados.

Greenspan faleceu no dia 22 de junho, em Washington. Ele tinha 100 anos. Seu mandato de dezoito anos e meio como presidente do Federal Reserve, o segundo mais longo da história da instituição, compreendeu quatro mandatos presidenciais, o boom das empresas ponto-com e os primeiros anos da expansão imobiliária que gerou o pior colapso financeiro desde a Grande Depressão. Seu mandato coincidiu com a Grande Moderação, um período de crescimento sustentado e baixa inflação que fez dele o banqueiro central mais celebrado da sua geração. Os mercados se moviam ao ritmo de suas declarações. A doutrina da onisciência do banco central atingiu seu auge sob sua liderança, e a crise de 2008

revelou se essa onisciência era real ou apenas uma construção.

Seu legado mais duradouro não foi uma teoria, mas um reflexo. Os mercados passaram a acreditar que quedas significativas acabariam sendo contidas por medidas de apoio. O instrumento dessa crença tinha um nome: o “Fed put”.

A nova crença surgiu no dia que ficou conhecido como Black Monday, 19 de outubro de 1987, quando Greenspan inundou os mercados com liquidez, apenas dois meses após assumir o cargo. A partir daquele momento, todas as grandes crises pareciam confirmar a mesma lição: quando os mercados caem o suficiente, o banco central responde. Cada intervenção trouxe mais uma dose: 1987, 1998, 2001, 2008, 2020. Cada dose era maior do que a anterior, pois o paciente havia desenvolvido tolerância e o médico havia aprendido que o remédio funcionava.

Para os investidores, o resultado foi um poderoso condicionamento Pavloviano. O risco das ações não era mais avaliado apenas por seus próprios atributos. O risco era avaliado em relação a um

contexto de medidas que pareciam diminuir a probabilidade de um sofrimento prolongado. Assim como os cidadãos do Estado Mundial de Huxley que buscavam o Soma não por desejo, mas pela ausência de algo melhor, uma geração de gestores de carteiras buscou o risco das ações não apenas por convicção, mas por necessidade estrutural.

A descontinuação do Soma: Warsh e o fim da tranquilidade automática?

O antigo Soma não está desaparecendo da noite para o dia. Mas seu fornecimento não está crescendo mais.

Kevin Warsh tomou posse como o 17º presidente do Federal Reserve em 22 de maio de 2026, após uma votação apertada no Senado. Ele herda um comitê em que quatro dos doze membros do FOMC discordaram na reunião de abril, o maior desacordo interno desde 1992. Ele também herda um ambiente político em que o presidente dos EUA atacou abertamente seu antecessor por não ter reduzido as taxas mais rapidamente.

Warsh declarou publicamente que não determinará antecipadamente as decisões sobre as taxas a pedido político.

A maioria dos economistas espera que as taxas permaneçam inalteradas até o final do ano, embora os preços de mercado tenham se inclinado para a possibilidade de aumentos.

Este é o ponto-chave: Warsh não está necessariamente retirando o apoio monetário no sentido estrito. Ele está retirando a expectativa de um alívio automático. As taxas podem permanecer inalteradas, e por bons motivos. Mas a mudança mais importante é psicológica: menos promessas, menos orientação prospectiva e menos disposição para tratar

cada queda do mercado como um problema de política monetária.

Isso é importante porque o mercado foi condicionado, por quase quatro décadas, a esperar medidas de alívio. A intervenção do Fed ensinou aos investidores que o sofrimento era temporário, que havia liquidez disponível e que o sistema não permitiria que as condições financeiras se tornassem excessivamente restritivas. Mas o cenário mudou. A inflação torna novas intervenções mais perigosas. Os preços dos ativos já refletem anos de apoio por parte das políticas monetárias. E a pressão política sobre o Fed torna a credibilidade institucional mais valiosa, e não menos.

RETORNO DOS PRINCIPAIS ÍNDICES FINANCEIROS DESDE 2022:

	Jun.	Jun. \$	2026	2026\$	2025	2025\$	2024	2024\$	2023	2023\$	2022	2022\$
S&P 500	-0.95		10.2		17.9		25.0		26.3		-18.1	
Stoxx 50	4.69	2.73	11.7	8.6	22.1	38.5	11.9	4.7	23.2	27.3	-8.5	-14.0
MSCI EM	-1.37		24.0		34.3		8.0		10.1		-19.9	
Brazil Bovespa	-1.01	-3.24	6.8	13.3	34.0	50.9	-10.4	-29.6	22.3	33.1	4.7	10.1
Euro	-2.03		-2.8		13.4		-6.2		3.1		-5.8	
US Dollar Index	2.27		2.9		-9.4		7.1		-2.1		8.2	
Gold Spot	-11.72		-7.2		64.6		27.2		13.1		-0.3	
Brazilian Real	-2.47		6.4		12.3		-21.4		8.9		5.4	
Brent	-20.8		19.8		-18.5		-3.1		-10.3		10.5	
Bitcoin	-20.36		-33.1		-6.5		120.5		157.0		-64.3	
Global Agg.	-0.71		-0.2		8.2		-1.7		5.7		-16.2	
Latam Bonds	1.05		3.5		13.2		10.5		11.1		-13.2	
Global HY	0.20		2.1		12.1		9.2		14.0		-12.7	
US T Bills	0.29		1.8		4.3		5.3		5.1		1.3	
Brazil CDI	1.12	-1.57	6.8		14.3	28.4	10.9	-12.9	13.0	24.8	12.4	18.4

« HÁ UMA DIFERENÇA ENTRE DETER EMPRESAS DE TECNOLOGIA DE QUALIDADE COM GERAÇÃO DE CAIXA E COMPRAR NARRATIVAS QUE EXIGEM QUE O FUTURO SE CONCRETIZE PERFEITAMENTE E DENTRO DO PRAZO. »

O Novo Soma: Crença, FOMO e o Gramme da Inteligência Artificial

Um grama de Soma, conta Huxley, é melhor do que uma maldição: dissolve a realidade com mais eficiência do que a discussão e de forma mais barata do que a razão. Nos mercados, o novo grama não é mais o apoio de políticas que sedou os investidores por quase quatro décadas. É a própria crença, intensificada pelo medo de perder o que o mercado já decidiu ser a oportunidade de uma geração.

Em 12 de junho de 2026, a SpaceX concluiu a maior oferta pública inicial da história, levantando USD 85,7 bilhões em receita bruta final a um preço de USD 135 por ação, quase três vezes o recorde anterior estabelecido pela Saudi Aramco em 2019. A SpaceX é uma empresa genuinamente extraordinária, e as conquistas que justificam essa descrição são específicas. Ela reduziu o custo de chegar em órbita por uma ordem de magnitude por meio de propulsores reutilizáveis, com as primeiras fases do Falcon 9 reutilizadas mais de 30 vezes. Realizou aproximadamente 165 lançamentos em 2025, representando cerca de

metade de todos os lançamentos orbitais globalmente e quase o dobro da China, a segunda nação mais ativa em lançamentos, com uma taxa de sucesso de missões acima de 99% em 650 voos orbitais. Ela opera a única rede comercial de banda larga via satélite lucrativa em grande escala, gerando US\$ 11,4 bilhões em receita do Starlink em 2025, com um lucro operacional de US\$ 4,4 bilhões. Além disso, mantém um contrato com a Anthropic no valor de US\$ 1,25 bilhão por mês até maio de 2029, fundamentando sua estratégia de IA em receitas contratadas, e não especulativas. A empresa não está em questão.

No entanto, a dinâmica da oferta pública inicial (IPO) revelou uma realidade diferente. A SpaceX entrou na bolsa com um float de 4,2% (o menor já registrado para uma estreia de mega-cap na história) e uma alocação para investidores de varejo de 30% (a maior já registrada). A demanda dos investidores ultrapassou USD 250 bilhões para uma captação de USD 85,7 bilhões. Em condições de extrema escassez de oferta e participação ampliada dos investidores de varejo, a formação do preço não é uma

questão de análise. É um leilão. O FOMO (medo de ficar de fora), e não a convicção, determinou o preço de liquidação. A ação atingiu uma alta recorde de fechamento em 16 de junho, antes de sofrer uma queda de quase 17% em uma única sessão em 22 de junho, uma queda de aproximadamente 27% em relação ao pico em quatro dias de negócios. A empresa permaneceu inalterada. O preço, não.

Este é o novo Soma em sua forma mais pura. A droga antiga exigia que instituições a administrassem: bancos centrais, governos, linhas de liquidez. A nova é autoadministrada. Ela requer apenas a convicção coletiva de que as receitas da inteligência artificial crescerão sem limites e que o preço de entrada é sempre problema de outra pessoa. O medo de ficar de fora é o Soma com outro nome. Ele aumenta a volatilidade até mesmo das melhores empresas ao dissociar o preço da análise cuidadosa que os pontos de entrada exigem. A SpaceX pode justificar sua avaliação. Pelo preço da oferta pública inicial (IPO), isso exigiu crença antes de evidência. Esse é o grama. Essa é a droga.

A implicação para os investimentos: recusar a próxima dose

No Estado Mundial de Huxley, um personagem recusa a droga. Ele reivindica o direito de ser infeliz, o direito de encarar a realidade sem sedação e o direito de arcar com o custo da consciência, em vez de dissolvê-la no conforto. O Controlador Mundial considera essa reivindicação incompreensível.

Para os investidores, essa recusa agora exige um ato deliberado de vontade.

O antigo Soma era fácil de entender. Ele se apresentava na forma de taxas de juros próximas de zero, flexibilização quantitativa, medidas de apoio à liquidez e intervenções políticas que repetidamente transformavam o sofrimento do mercado na expectativa de alívio. Trump tornou-se o moderno deus ex machina do mercado: sempre que o enredo se tornava doloroso demais para ser sustentado, uma mensagem descia da máquina do Estado. Uma tarifa era suspensa, o tom se suavizava, um acordo era sugerido, um tuíte era enviado, e o público aplaudia antes mesmo que o problema subjacente fosse abordado. Cada intervenção

transmitia a mesma mensagem sedativa: a dor é temporária, o apoio é estrutural e o sistema não permitirá que você sofra. Os investidores acreditavam nisso porque, por muito tempo, era verdade.

Mas o fato de que a antiga droga está sendo (temporariamente) retirada não significa que o paciente esteja se recuperando. O mercado pode simplesmente ter encontrado outra receita. Hoje, o novo "Soma" se manifesta em empresas deficitárias avaliadas com múltiplos de receita extremos, em previsões consensuais que projetam um crescimento ilimitado da receita com IA e em carteiras passivas que alocam capital mecanicamente em empresas cuja viabilidade econômica de longo prazo ainda não foi comprovada em grande escala.

Isso não significa que os investidores devam rejeitar a tecnologia. Muito pelo contrário. O ciclo tecnológico é real, e algumas das empresas que o lideram provavelmente se tornarão ainda mais importantes com o tempo. Mas há uma diferença entre reconhecer um tema de crescimento estrutural e aceitar qualquer valorização associada a ele. Há uma

diferença entre deter empresas de tecnologia de qualidade com geração de caixa e comprar narrativas que exigem que o futuro se concretize perfeitamente e dentro do prazo.

Entramos, portanto, no segundo semestre de 2026 com uma exposição a ações modestamente reduzida, uma preferência por qualidade e geração de caixa no setor de tecnologia e um ceticismo moderado em relação a empresas cujas valorizações se baseiam na suposição de que a próxima "dose" está por vir.

Nesse sentido, junho de 2026 foi exemplar, com três eventos que, juntos, marcam uma transição: a morte de Alan Greenspan, a chegada de Kevin Warsh ao Federal Reserve e a oferta pública inicial (IPO) da SpaceX, que bateu recordes. Eles sugerem que podemos estar passando de um mercado sedado pelo apoio das políticas para um sedado pela fé cega no progresso, exatamente como no "Admirável Mundo Novo". Cabe a nós analisar esse mundo com lucidez e recusar a próxima dose, por mais atraente que seja o conforto que ela ofereça.

**Eric Hatisuka**

Estrategista Mirabaud Brasil

BRASIL

MUDANÇA DE PARADIGMA

Mesmo correndo o risco de entediar nossos queridos leitores, não posso deixar de aproveitar o tema, abordado de forma muito elegante pelo meu colega neste espaço, Christian Mannoni, do início do mandato do novo Presidente do Federal Reserve Board, Kevin Warsh.

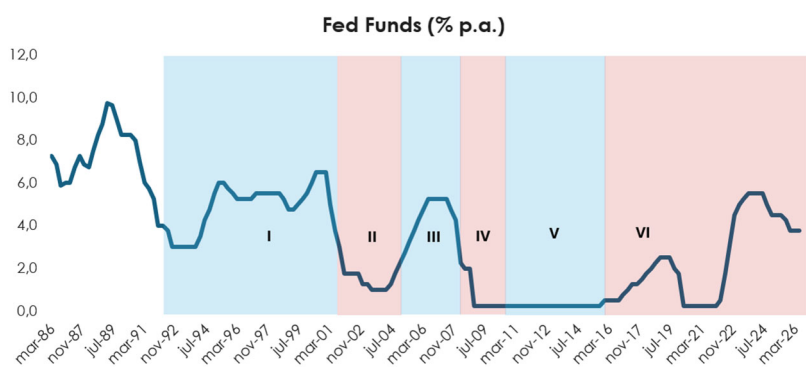
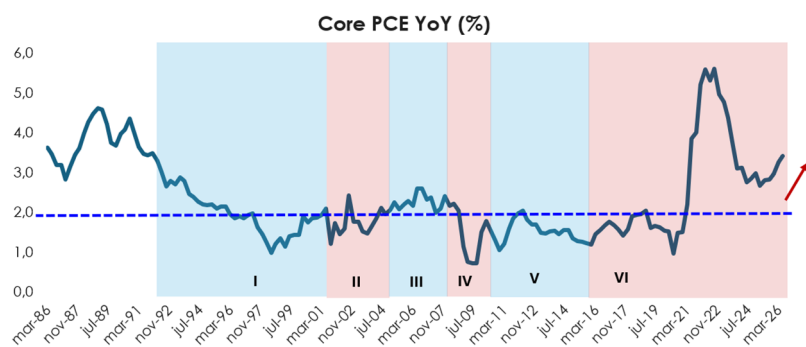
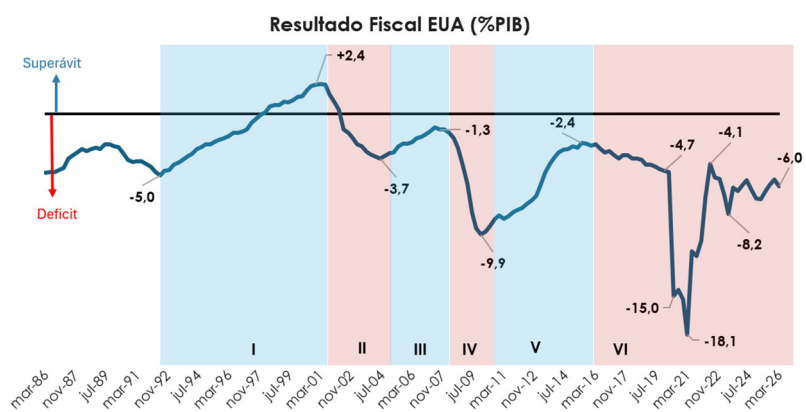
Neste mês de julho, em que os Estados Unidos da América celebram seu 250º aniversário de independência, período em que 45 presidentes foram eleitos sem nenhum tipo de ruptura institucional, o FED recebe seu 17º presidente em 112 anos de existência, fato que nos convida a revisar um pouco da história econômica recente.

Como iremos mostrar a seguir, o novo presidente do FED enfrentará um ambiente fiscal marcadamente diferente do que prevaleceu desde os estertores da Crise do Subprime, e isso muda radicalmente a política monetária recomendada, bem como seus efeitos colaterais sobre os mercados financeiros americanos e, por conseguinte, globais.

Nos gráficos a seguir, elaborados a partir dos dados do Bureau of Economic Analysis (BEA), podemos ver a trajetória do resultado fiscal americano expresso como percentual do PIB, e logo abaixo, a inflação americana, no caso, a medida do núcleo (ex-alimentos e ex-combustíveis) do índice Personal Consumer Expenditure (Core PCE), expresso como taxa de variação em 12 meses e a taxa de juros dos Fed Funds, a taxa básica americana.

Além disso, foram hachurados nos gráficos, em azul, os períodos de contração fiscal, quando o déficit é reduzido ao longo do tempo, e em vermelho, os períodos de expansão fiscal, quando o déficit é aumentando ao longo do tempo.

Já no gráfico do Core PCE YoY, também marcamos com uma linha azul tracejada o nível da meta de inflação americana, de 2% ao ano.



Feitas as apresentações e considerações, vamos para uma rápida revisão histórica e suas possíveis indicações sobre o futuro.

Período I: Fim da Guerra Fria

No período I, com duração aproximada de 10 anos, é possível ver um potente aumento no resultado fiscal do setor público, que inicia a jornada com um déficit de 5% do PIB e termina no impressionante (e raríssimo) superávit fiscal de 2,4% do PIB.

São mais de 7 pontos percentuais de PIB de consolidação fiscal no período, explicado majoritariamente pela forte queda no orçamento militar, devido ao fim da Guerra Fria, após a dissolução da União Soviética em 1991.

Este período é acompanhado por uma queda importante na inflação americana, que permitiu ao FED manter uma política monetária relativamente frouxa no início, porém mais apertada no final, quando a aceleração dos investimentos em internet começou a causar os primeiros sinais de excessos nos preços dos ativos, culminando no estouro da bolha, em 2000.

Período II: Estouro da Bolha Dot Com e Atentados de 11 de Setembro

Com o estouro da bolha da internet em 2000 e os atentados de 11 de setembro de 2001 logo a seguir, o FED corta agressivamente os juros para 1%, enquanto o governo americano volta a aumentar o gasto militar, com a Guerra do Afeganistão e a Guerra do Iraque.

A inflação americana permanece bastante controlada neste período, ainda dentro da meta de 2%, embora o déficit fiscal alcance 3,7% do PIB, fazendo a dívida pública americana voltar a crescer.

Período III: Formação da Bolha Imobiliária

No período compreendido entre os anos 2004 e 2008, houve forte aceleração dos investimentos imobiliários nos Estados Unidos, estimulados pelos juros baixos do período anterior.

Com isso, o PIB volta a se acelerar e a alta da arrecadação de impostos contribui para o aumento do resultado fiscal do setor público, que volta para o terreno da contração fiscal, terminando

« PODEMOS ESTAR EM MEIO À UMA IMPORTANTE MUDANÇA DE PARADIGMA NO USO DA POLÍTICA FISCAL COMO FERRAMENTA DE POLÍTICA ECONÔMICA... »

com o resultado ainda deficitário, porém mais equilibrado, de -1,3% do PIB

Período IV: Crise do Subprime

Com o estouro da bolha do mercado imobiliário, a Crise do Subprime e a contaminação do sistema bancário americano, o Tesouro Americano é obrigado a incorrer em fortes déficits fiscais, com os programas de resgate do sistema financeiro, que consumiu trilhões de dólares dos cofres públicos.

O FED, em linha auxiliar, cortou drasticamente os juros para 0,25%, tentando criar uma política contracíclica à destruição de capital causada pela crise.

É importante notar que a inflação americana afunda no período, uma vez que a severa recessão causada pela crise provoca um dramático aumento nas taxas de desemprego por todo o país.

Fato importante: mesmo com o enorme déficit fiscal de quase 10% do PIB e os juros nominais no patamar de zero, a inflação não sobe, uma vez que a destruição do setor bancário e a falência de empresas decorrente da crise previne qualquer tipo de contaminação

inflacionária advinda das políticas fiscal e monetária extremamente lenientes.

Período V: A Grande Consolidação Fiscal do Governo Obama

O evento que define o período V são as eleições de meio de mandato (*midterm elections*) do Governo Obama, em 2010, quando este sofre uma derrota acachapante e perde a maioria no Congresso.

Com isso, pode-se dizer que o Governo Obama tornou-se um governo "pato-manco" já no seu terceiro ano de mandato, sendo obrigado a trabalhar com um orçamento bastante restritivo por todo o restante do seu 1º e 2º mandatos.

A grande consolidação fiscal do Governo Obama trouxe o déficit público de 9,9% em 2010, para 2,4% em 2015, pouco antes de entregar o governo ao seu sucessor, Donald Trump.

Rodando com forte restrição orçamentária pelo governo, a economia americana passou todo este período com inflação muito baixa e, por vezes, flertando com o risco de deflação, o que fez o FED não só manter os juros baixos, como a promover a expansão de seu

balanço com os famigerados *Quantitative Easings*, ou expansão quantitativa da base monetária por meio de recompras de títulos públicos pagas com emissão de moeda.

Período VI: Governo Trump e Pandemia de Covid-19

Com a entrada de Trump no poder, o governo volta a aumentar o dispêndio, com um aumento gradual e constante do déficit público, que alcança 4,7% do PIB, no ano imediatamente ao início da pandemia.

Finalmente, com o choque da pandemia e os auxílios sociais emergenciais deflagrados em resposta, o déficit público alcança seu recorde em tempos de paz, 18% do PIB, maior apenas do que os valores alcançados na 2ª Guerra Mundial.

Também por conta da pandemia, o FED volta a cortar drasticamente a taxa de juros, para níveis próximos de zero.

Porém, desta vez, ao contrário do ocorrido após o estouro da bolha do subprime (período IV), a inflação reage com uma violenta alta, alcançando níveis próximos a 6% em 2022. A inflação ao consumidor na sua

leitura sem expurgos (CPI), alcança 9% na leitura interanual de julho de 2022, maior valor desde a década de 80.

Fato importante: desta vez, a maior parte do trabalho de controle da inflação fica a cargo do FED e dos juros básicos, uma vez que o déficit do governo, embora tendo se reduzido, permanece bastante elevado na comparação história, na ordem de 6% do PIB. Com isso, os juros básicos foram obrigados a alcançar 5,5%, entre 2022 e 2024.

E a mudança de paradigma?

O físico Thomas Kuhn, em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, de 1962, cunhou o termo “mudança de paradigma” para destacar os momentos em que a ciência dá saltos, ao invés de passos, em sua construção evolutiva das teorias. Alguns exemplos de mudança de paradigma comumente lembrados são a Teoria da Relatividade e a Teoria da Seleção Natural e Evolução das Espécies.

Podemos estar em meio à uma importante mudança de paradigma no uso da política fiscal como ferramenta de política econômica, em comparação aos últimos 10 anos, com ela deixando de ser passiva/reactiva no processo econômico e adotando uma posição francamente ativa, portanto, deslocando as outras variáveis macroeconômicas para um novo equilíbrio (nem sempre saudável).

Se o governo americano continuar rodando nestes elevados níveis de déficit fiscal, a carga de trabalho para manutenção da inflação na meta será alocada toda sobre a política monetária, subordinando-a à política fiscal e criando um ambiente de possível descoordenação macroeconômica nos Estados Unidos.

Caso o FED continue firme na persecução da meta de inflação, podemos ver os juros básicos avançarem para níveis que não são vistos desde a década de 80/90, com implicações deletérias para todos os ativos financeiros, mas principalmente de renda fixa e dívida de emergentes.

Por outro lado, caso o FED hesite, veremos a inflação

alcançar níveis cada vez maiores e com maior rigidez, uma vez que a economia americana trabalha a pleno emprego no setor privado e com o pé no acelerador do setor público.

Um evento importante, neste caso, serão exatamente as eleições de meio de mandato deste ano, quando a Administração Trump pode receber sua dose de “freios e contrapesos” do sistema político americano.

Para os emergentes de forma geral, e o Brasil, em particular, o nível dos juros básicos americanos representa a diferença entre abundância e escassez de capital externo, e sua consequência mais visível, um câmbio mais ou menos valorizado.

Com o severo aumento na dívida pública brasileira realizado nos últimos anos e ausência total de um plano de controle dela, o Brasil já se tornou mero passageiro de um trem o qual, absolutamente ninguém a essa altura, sabe aonde pode chegar.

MERCADOS

Renda Fixa		30/06/26	MTD	3M	YTD
CDI	-	104,99	1,12%	3,43%	6,85%
IMA-B	-	11.384,33	(1,04%)	1,85%	4,08%
IMA-B 5	-	11.329,96	0,22%	3,13%	6,48%
IMA-B 5+	-	12.376,27	(2,05%)	0,83%	2,20%
IRF-M	-	22.698,78	0,69%	3,44%	5,06%
IMA-S	-	8.699,05	1,12%	3,46%	6,95%

Índices Globais	País	30/06/26	MTD	3M	YTD
Ibovespa	BRL	172.024,12	(1,01%)	(5,25%)	6,76%
Dow Jones	USD	52.319,20	2,52%	15,84%	8,85%
S&P 500	USD	7.499,36	(1,06%)	17,75%	9,55%
NASDAQ	USD	30.276,35	(0,19%)	30,88%	19,91%
Euro Stoxx 50	EUR	6.328,09	4,59%	14,93%	9,27%
FTSE 100	GBP	10.497,12	0,84%	5,32%	5,70%
MSCI Emerging	EM	68,41	0,24%	24,58%	25,69%
MSCI World	World	4.825,50	(0,80%)	15,42%	8,92%

Moedas	País	30/06/26	MTD	3M	YTD
Real/Dólar	USD	5,16	(2,50%)	1,47%	5,72%
Euro	EUR	1,14	(2,03%)	(0,76%)	(2,76%)
Franco Suíço	CHF	0,81	(3,39%)	(1,17%)	(1,95%)
Libra Esterlina	GBP	1,33	(1,44%)	0,02%	(1,58%)
Bitcoin	BTC	58.642,15	(20,30%)	(11,11%)	(33,09%)

Hedge Funds	País	30/06/26	MTD	3M	YTD
Ind. de Hedge Funds	BRL	6.322,27	0,51%	3,95%	3,26%



MIRABAUD

INFORMAÇÕES IMPORTANTES

Todas as opiniões, estimativas e projeções que constam do presente material traduzem nosso julgamento no momento da sua elaboração e podem ser modificadas a qualquer momento e sem aviso prévio, a exclusivo critério do Mirabaud e sem nenhum ônus e/ou responsabilidade para este. Nenhuma suposição, projeção ou exemplificação constante deste material deve ser considerada como garantia de eventos futuros e/ou de "performance". Este material tem como objetivo único fornecer informações, e não constitui nem deve ser interpretado como recomendação quanto a manutenção, compra ou venda de ativos financeiros e valores mobiliários. Não é considerado o perfil específico de um determinado investidor. Este material e a rentabilidade passada não contêm ou representam garantia de rentabilidade futura. Qualquer decisão de investimento deve ser tomada com base numa análise detalhada e adequada; esta publicação não deve ser considerada como a informação relevante para tomar uma decisão de investimento. Antes de contratar qualquer produto, confira sempre se é adequado ao seu perfil.

